BENTEIDA

POEMA HEROI-COMICO

EM 3 CANTOS

POR

ALEXANDRE ANTONIO DE LIMA

NOVA EDIÇÃO



BARCELLOS
1876

POEMAS HEROI-COMICOS

A BENTEIDA

POEMAS HEROI-COMIGOS

A BENTEIDA

TYP. DA AURORA DO CAVADO

E.or R. V.

BENTEIDA

POEMA HEROI-COMICO

EM 3 CANTOS

POR

ALEXANDRE ANTONIO DE LIMA

NOVA EDIÇÃO



BARCELLOS
1876

9.8
25 lie

76

Aviso do editor

A BENTEIDA sahiu á luz, em 8.º grande, com 88 paginas sem numeração, no anno de 1752 com designação de ter sido impressa em Constantinopola, e ser seu auctor Andronio Meliante Laxaed, que é o perfeito anagramma de Alexandre Antonio de Lima.

Apesar de, segundo o sr. Innocencio F. da Silva, ter sahido á luz uma outra edição do mesmo poema, distincta e diversa d'aquella, embora com a mesma indicação do lugar e anno da impressão, e o mesmo numero de paginas e falta de numeração, não é este poema vulgar; e raras vezes apparecem á venda exemplares de uma ou outra edicção.

Este o motivo principal, junto com o desejo de collecionar todos os nossos poemas heroi-comicos, da publicação que fasemos d'esta nova edição.

São encontrados os juisos sobre o merito da BENTEIDA: pois ao passo que Filinto Elysio no A quem lêr, *com que precede a sua traducção do* Oberon *de Wieland, a põe ao lado e par da* Lebreida, Joanneida, *e* Henriqueida; *José Agostinho de Macedo, pouco prodigo de elogios a obras que não de sua lavra, no seu livro*—O Homem, tentativa philosophica—*a paginas 135 depois de escrever: «que sem lisongear a nação julga que entre todas as da Europa, a Portuguesa deve passar pela mais fina motejadora(!!)» cita como d'isso testemunho a Francisco Manuel de Mello, Gregorio de Mattos, Thomaz Pinto Brandão, o autor da BENTEIDA, e ainda —oh admiravel modestia! —o autor dos* Burros, *quem quer que seja...*

O sr. Rebello da Silva, no seu magnifico estudo sobre Antonio Diniz da Cruz e Silva, e o seu immortal Hyssope, *publicado nos tomos 12.º e 13.º do Panorama, diz fallando do nosso poema:*

«A Benteida de Alexandre Antonio de Lima, publicada em 1751, seria o segundo poema heroi-comico da nossa litteratura, se a fórma fosse mais castigada e o estylo descesse menos.»

Finalmente a respeito d'ella escreve o illus-

tre auctor do Diccionario Bibliographico*:*

«Este poema, que é na realidade uma satyra pessoal a individuos e cousas d'aquelle tempo, mas que hoje se torna para nós pouco menos que um enigma, por faltar a chave das allusões que encerra, e a noticia das personagens que o auctor introdusiu na acção, recommenda-se todavia pelo seu estylo chistoso e pelo sal satirico que em todo elle transparece.»

N'esta nossa edição vestimos á moderna a ortographia do poema, por demais esdruxula e caprichosa. Sobre a vida de Alexandre Antonio de Lima, poucas noticias nos restam e apenas se sabe que foi elle socio da Academia dos Occultos e da dos Applicados, e natural de Lisboa, onde nasceu a 21 de janeiro de 1699, vivendo ainda em 1759.

Deixou outras obras em verso, além de Benteida*, de que se pode ler noticia no Diccionario Bibliographico.*

FICÇÃO POETICA

E

ARGUMENTO GERAL

DE

TODA ESTA OBRA

Bento Antonio, Heroe d'este poema, nasceu em Elvas, aonde viveu debaixo do patrio dominio até á idade de mancebo.

Appareceu-lhe uma noite Baccho, e Neptuno: cada qual o convoca ao seu culto, e lhe assegura o seu favor. Segue elle a Baccho, levado da sua antiga inclinação. E deixando pai e patria parte para Lisboa, debaixo da protecção da condeça de Alva.

Faz-se, na Corte, conhecido primeiro pela gente popular; e depois subindo á estimação de pessoas de maior esfera, applica-se com excesso aos licores de Baccho, de quem recebe os favores, despresando os de Neptuno, de quem experimenta as iras: até que

sendo levado de impulso superior, se embarca para Samora. O Deus do mar lhe fabrica uma tormenta, da qual se livra por milagre da sua industria.

Escapa a este perigo com grande trabalho, e arrependido de ter seguido as turbulencias de Baccho, detesta os seus cultos, declarando guerra a fogo e sangue contra o vinho. Offendido o Deus d'aquella injuria, vai buscar a Neptuno, a quem se queixa: e conjurados ambos em sua offensa, vão pedir a Jupiter maior vingança. Este lhe nega o auxilio, vendo que já tem o Heroe a mais soberana protecção da Terra. Offendidos os Deoses da repulsa, Baccho o converteu em mulher, a quem Jupiter alivia a pena, com a Formosura. Tornado finalmente Bento Antonio em Dona Benta, é admittido a Açafata de uma excelsa Magestade, e o castigo que ella teve pela maior desgraça, lhe foi o meio da maior ventura.

BENTEIDA

CANTO I

ARGUMENTO

Quando aos montes envolve o manto escuro
jaz em val de lençoes o grande Bento;
apparece-lhe o Deus do licor puro,
e tambem o do liquido elemento.
Cada qual o convoca ao seu conjuro:
segue a Baccho montado em um jumento.
Da terra da azeitona parte o moço,
e acha em Lisboa minas de caroço.

Canto os bigodes, canto o Heroe valente,
por successos de barbas afamado,
a quem deixou de Baccho a furia ardente
de varão em varoa transformado.
Já pulso a lyra, porque admire a gente
de instrumento o meu canto acompanhado:
e tal força porei, na acção que empr'endo,
que a voz o ha-de ir cantando, a mão tangendo.

Inspira, oh Muza; mas que Muza agora
me ha-de inspirar, em tão sublime idêa?
valha-me uma, que seja sangradora;
pois sem ella picar, não corre a vêa.
A ti invoco, oh Joanna de Samora, (1)
para seres a aranha d'esta têa
ao mêu canto dá fio, e peço-o tanto,
por ser proprio uma aranha para um canto.

Se lanceta não tens, o não ter azo
para ser sangradora não te afflija,
nem ter mais pernas para aranha é o caso,
quando sabes fazer têa mais rija. (2)
A Muza bordalenga do Parnazo,
que aranha pode ser, por sevandija,
sangradora será, se acaso é bruxa, (3)
pois abre a vêa, quando o sangue chucha.

E vós, Senhora, em quem o Heroe do assumpto
escarrado e cuspido estamos vendo;
pois, sem ser o sucesso de defuncto,
lhe estaes, até nas barbas, succedendo:
vós, das suas acções tão fiel transumpto,
que até está o seu bigode em vós nascendo;
acceitae, bem que fraco, este serviço,
pois só vós tendes barbas para isso.

A vós, illustre Benta, é que vos toca
d'este elogio a gloria toda inteira:
e a crêr isto esse rosto me provoca,
quando á cara nos mete a bigodeira,
bem que o ser de varão ahi se troca
em mulher natural, e verdadeira;
o bigode é o pincel que tem pintado,
na presente mulher, o homem passado.

Do meu sublime Heroe, no altivo alento,
se uniu ao vosso cazo a sua fortuna:
tal varão tal mulher, admiro attento
que inda são mais, *que duo in carne una.*
O mesmo é Benta e elle, que ella e Bento:
não há ninguem que com alguem mais se una,
tanto, que o vosso caso é a sua historia,
e quanto é louvor seu, é vossa gloria.

Era uma noite, que rilhávam n'ella,
minutos, quartos, e horas, sem passal-a:
negra, velha, e tão dura como aquella,
que se põem vinte dias em serral-a.
Pôz-se o relogio a trabalhar com ella,
sarrafassando, sem poder cortal-a,
até que um golpe, depois de onze arreio,
acabou de partil-a pelo meio.

A este ponto estendido o grande Bento,
como, em campina, decepado tronco,
forma um redemoinho em cada alento,
e um horrivel trovão em cada ronco.
Aqui o lençol lhe barre o aposento,
alli a manta descáe do vulto bronco;
e opprimido o colxão de um bruto ás manha
vomita, por mil boccas, as entranhas.

Já co'as tripas na mão, o travesseiro,
para mostrar onde elle tem a cara,
de uma nodoa se cobre quasi inteiro,
que o suor do seu rosto lhe custava.
Feito em fanicos o gabão grosseiro
é o que menos o cobre, e mais lhe pára:
tomando sobre si tanto farrapo,
Bento Antonio está feito Manoel trapo.

Do mar de Trapisonda, quando nada,
Se embalava entre as ondas, ao que colh
eis-lhe dão de repente sua lançada
d'aqui uma pulga, d'acolá um piolho.
Quer ir dar-lhe uma coça duplicada,
e resoluto a desgrudar um olho,
encolhendo uma perna, outra inteiriça,
fecha as mãos, abre a bocca, e se espreguiç

Ao lugar caminhava do delicto,
cheia a mão de vingança, ou do desejo;
quando ao som da trombeta de um mosquito
no cachaço lhe aferra um persevejo.
Deixa a acção começada, e dando um grito
diz, lançando-lhe as garras, com despejo:
«na cova do ladrão mordes a gente!
«ora pois, meu amigo, ou cova, ou dente...:»

Feita a justiça, se sentou na cama,
(se havemos de assentar que cama seja
esta, em que extingue do appetite a chamma
quem a feira da ladra ver deseja.)
Sentou-se; e como o sangue lhe derrama
de átomos vivos multidão sobeja,
teve medo aos assaltos; e disendo:
«fóra d'aqui, que há pulgas», foi-se erguendo.

Mas posto n'esta acção, lhe parecia,
que um mal distincto vulto devizava;
e á trapeira mental se lhe subia
um cheirinho, que a bola atordoava.
Quiz ver o que era, e vendo que não via,
á parede se volta, aonde estava,
mais que de azeite, de desmaios chêa,
agonizando a luz de uma candêa.

O puchar da parede o garavato
ultimo arranco foi de sua vida;
morreu de todo ao movimento ingrato
do humido radical destituida.
Começa logo o funebre apparato,
ceremonia, onde há morte já sabida:
deitou fumo o murrão da dôr tributo,
e toda a casa se vestiu de luto.

Afflito de não ver se via o Bento,
e desmaiara vendo-se ás escuras,
se entre o desmaio lhe não dera alento
o rico cheiro das maçãs maduras.
Sendo adéga, ou baiúca o aposento,
ou se a inundal-o, entre correntes puras
de bom vinho um dorna se entornára,
com mais força aos narises não chegar

A candêa largando de assustado,
vê que outra luz a casa lhe alumêa:
e o que com ella viu, deixou provado,
que o que se vê não há mister candêa.
Vê que o vulto de um corpo agigantad
=eu sou Baccho=lhe diz á bocca chê
cuja voz lhe ficou, tal nome ouvindo,
nas orelhas tres horas retinindo.

Ao ver, o nosso Heroe ficou suspenso,
a estructura do Nume das tavernas:
parecia um tonel o bojo immenso,
e dous odres as gambias sempiternas.
Em seus olhos o sol da luz, no intenso,
fabricou de dous frascos duas lanternas,
e era a cabeça, em casco pontiagudo
tremendo garrafão, com vinho e tudo.

Cabeça tal, em cumulo eminente,
nobres verduras ostentou bizarra:
pois lhe estavam nascendo juntamente
no pêlo o louro, e na coroa a parra.
Um copo de cristal é cada dente,
cada venta um funil, sendo a bocarra,
onde o vinho se mostra quando a pinto,
nos dentes branco e nos beiços tinto.

Em coiro os braços o Deus Baccho ostenta,
e em cada mão, por modo peregrino,
canadas, e quartilhos representa
desde o dedo maior ao pequenino.
Quando assim o alto Deus se lhe apresenta,
por que o não cegue o resplendor divino,
pondo em tanta vazilha a immensidade,
deu em vazabarris co'a divindade.

Vendo pois o Deus Baccho menos forte
o justo assombro da impressão primeira,
d'este modo lhe falla, ou d'esta sorte:
porém não foi senão d'esta maneira:
«oh tu mancebo, a quem promette a sorte
«nas delicias de uma alta borracheira,
«que has-de ser, dando inveja aos bebedores,
«esponja racional dos meus licores.

«Já que és tão meu devoto. corre, voa,
«á meta occidental teus passos guia;
«que alli acharás, em tanta pinga boa,
«maré bem chêa, até da malvasia.
«Elvas vá bugiar, vai tu a Lisboa,
«onde possa essa ardente hydropezia
«ingilhar odres, apagar lanternas,
«enborcar pipas, e seccar tavernas.

«Resolve-te a partir, no mesmo instante,
«que vejas morta a noitê ás mãos do dia;
«a minha sombra é a tua luz brilhante.»
Quando Baccho estas couzas lhe dizia,
a humidade da bocca altisonante,
co'a força das palavras despedia;
e a cada perdigoto, que lançava,
de um licor, que é uma candêa, o borrifava.

Sentiu Bento no peito tal brandura,
tão tenro o coração, tão mavioso,
que se ia desfazendo de ternura,
ao sentir-se de Baccho tão mimoso.
E julgando-se indigno a tal ventura,
começava a dizer lento, e choroso:
«quem sou eu?» e indo entre ancias e soluços
repetir: «quem sou eu?» cahiu de bruços.

Ficou pois sobre a cama debruçado
não só falto de accordo, confundido,
vendo um favor do ceo tão sublimado
a um bichinho da terra concedido;
mas da praia o vapor mais refinado
o tornou de repente ao seu sentido;
e é pasmar, que lhe sirva de conforto
a peste, que o podia deixar morto.

A cobrar o sentido outra vez passa;
mas sente muito mais do que sentia,
vendo que era ao cheiro da vinhaça
substituto o fedor da maresia.
Levantou a cabeça, e foi a graça,
que fallando com Baccho, quando abria
bocca para formar razão mais certa,
viu Neptuno, e ficou co'a bocca aberta.

D'onde se ausenta o Deus da carraspana
apparece a Deidade marisqueira:
era de agoa, e a gloria soberana
disfarçou, vindo em trajos de frasqueira.
Forma as barbas do junco e da espadana,
e dos limos do mar a gadelheira.
Todo o rosto, por conchas figurado,
parecia carranca de embrechado.

Dous mexilhões nos olhos se lhe abriam,
duas lagostas nas faces lhe ferravam,
dous caranguejos nos beiços lhe mordiam,
nas orelhas duas ostras lhe agarravam;
ameijoas pela boca lhe sahiam,
longueirões pelas ventas lhe espirravam,
e lhe era toga desprezando as becas,
toda a congregação das alforrecas.

Peixe espada, em polvo se termina,
é braço e mão, que empunha o trino esgalho;
cada perna, que move, é uma corvina,
a qual tem, por peanha, um rodovalho.
A abstinencia em pessoa se examina,
e se vae á Quaresma por atalho,
n'este vulto em que adoram as ribeiras
o Nume tutelar das regateiras.

«Oh tu mancebo, que sem fructo gozas
«da idade as flores, busca novas gentes:
«(lhe disse o Deus) vem, com maré de rosas,
«onde a fortuna te prepara enchentes.
«As ondas para todos duvidosas,
«só para condusir-te estão correntes,
«onde possas, deixando os patrios lares,
«beber os ventos e campar os mares.

«Ficas bem navegado, e tens bom vento,
«vai-te logo d'aqui, fica-te embora.»
Calou-se o Deus do mar, e do aposento
sem diser agoa vai, se lançou fora.
Falta outra vez o accordo ao pobre Bento
recahindo na cama sem demora,
onde perde os sentidos tempo largo;
mas não sei, se foi somno ou foi lethargo,

Quer vestir-se, e ajuntando o fato á pressa,
tal assombro o juiso lhe entapuça;
que encaixando uma meia na cabeça,
por um pé quiz calçar a carapuça.
Nas pernas dos calções, sem que o conheça,
para os braços vestir, em vão se aguça:
porém, com mais accordo, a perna erguendo,
pela manga da vestia a foi mettendo,

Depois de andar-se um'hora baralhando,
a fraca roupa, que ia o corpo havendo,
melhor fórma a trapagem foi tomando
cada traste o seu posto guarnecendo.
Vestiu-se, e esteve um pouco vacillando
mettido entre agoa e vinho: mas tremendo
de que a alguma sezão lhe abram caminho
o frio da agoa, e o calor do vinho.

«Baccho e Neptuno offerecem-me igualmente
«o licor e o cristal; (Bento dizia).
«mas eu rendo-me aos tiros da agoa ardente,
«e não receio os golpes da agoa fria.
«O licor generoso é mui valente,
«fraca cousa é o cristal: e em tal porfia
«o vinho é um fogo, porque é viva fragoa:
«a agoa é uma abobora, porque abobora é agoa.

«Louve ella o vinho; pois na suavidade
«do cheirinho, que as linguas humedece,
«se prova á bocca chêa, a sua bondade,
«com a mesma agoa, que na bocca cresce.
«Põem-me as uvas em piza, essa é verdade
«mas sempre o vinho sobe, e a agoa desce:
«que ella ao infimo baixa em seu consumo,
«e elle em sendo licor, já chega ao sumo.

«Quando me entregam ao mar, lembram-me a morte
«os receios, que sinto de ir-me ao fundo:
«quando ao vinho me dou, põe-me de sorte
«que me não lembra nada d'este mundo.
«Uma pancada d'agoa é menos forte
«do que um toque de vinho, e bem me fundo;
«pois qual dá com mais força, ou qual se agacha,
«humor de pote, ou sumo de borracha?

«Porém se distincções a mostrar entro
«do vinho e da agoa, em lhe chegando a hora,
«se se diz vinhaes cá, mete-se dentro:
«se se diz agoa vai, lança-se fóra.
«Pois que vem? vinho puro para o centro,
«pois, que vai? agua suja, sem demora:
«em que acção mais se lucra, está patente,
«se uma cousa é vasante, e outra enchente.

«Se do vinho a rasões me tem chamado
«o Deus puro, seguil-o é o verdadeiro;
«e perdoe, esta vez, o Deus aguado,
«que a minha vocação está primeiro.
«Meu pai um burro tem, que de aguadeiro
«não será, sendo meu, tenho assentado;
«pois cangalhas e quartas ha de tel-as,
«só se á fonte da pipa eu for enchel-as.

«Bento, pés ao caminho; á corte vamos,
«para encher-te de vinho alarga os coiros,
«pois te estão as baiucas, em seus ramos,
«para os triumphos offerecendo os loiros.
«Vinho,e mais vinho!a Baccho é bem sigamos;
«brinde com agoa o Deus Neptuno aos Moiros.
«Não me levam ao mar as minhas sedes,
«pois só me pescam das tavernas as redes.»

Chegava aqui o devoto do Deus Bacho,
quando o dia o panal á noite empurra;
e em signal de que o é, luz o boraco,
o galo canta e o jumento zurra.
soando-lhe isto na alma, feito um caco,
á estrebaria vai fazer a surra,
e com vinte e tres reis só na algibeira,
monta no burro e parte de carreira.

Da patria para a Corte uma luz pura
se lhe offerece, que o guie, e que o conforte,
sendo o primeiro mimo da ventura
este alto bem, que conseguiu da sorte.
Sempre da aurora o raio lhe figura
o astro feliz, a quem seguiu, por norte:
pois até, que a Lisboa deu a salva,
nunca perdeu de vista a estrella da Alva. (4)

o primeiro monturo da cidade,
› chão applica os beiços de sabujo;
i promessa ou foi acto de humildade
›ijar a terra, no lugar mais sujo.
›go o cercaram em grande quantidade,
maroto, o moxila, e o marujo;
ıe visto apenas por estilo novo,
›meçou a aclamal-o a voz do povo.

›i-lhe a fama crescendo, e a ventura;
sem frio, nem febre, o crescimento
› sorte foi, que de tão grande altura,
ınca em declinação, se viu o augmento.
›u-lhe o vinho abundancia, o pão fartura,
lebrado se fez, fez-se opulento;
o pé que teve de subir a tanto,
›ntar-se espera no seguinte canto.

CANTO II

ARGUMENTO

Introduz-se na corte, muito pode;
Baccho propicio lhe é, Neptuno ingrato.
Faz no mundo apparencias de bigode;
veste-se á França, expõe-se o seu retrato:
salta-lhe o pae nas barbas, e lhe accode
um irmão bacchanal; embarca o fato,
oppõe-se-lhe do mar a furia irada,
e elle escapa de tudo, quando nada.

Da corte no alto mar se engolfa o Bento,
e querendo brilhar sagaz e astuto,
começa a descobrir-se o luzimento
do que fora até alli diamante bruto.
Bruto foi, a quem deram polimento
as matracas do povo dissoluto, (1)
dizendo alegre a marotal quadrilha:
—em materia de bruto isto é que brilha!—

Dando no alvo do tinto attinge o branco,
e seguindo uma ideia peregrina,
aqui faz um sermão, subindo a um banco, (2)
alli sobre um poial uma doutrina.
Mas depois, por fazer o passo franco,
como o povo miudo, o desatina,
deita a correr atraz dos seus sequazes,
qual pelo curro o touro dos rapazes.

Mil diante do touro vão fugindo,
outros tantos detraz o vão correndo,
e aos que o vem das ilhargas perseguindo,
vai por um e outro lado arremetendo.
Os rapazes gritando, elle bramindo,
arremessa-se ao chão em furia ardendo;
chegam muitos da queda nos engodos,
levanta-se outra vez e fogem todos.

Assim o nosso heroe, que a ter anella
pela aura popular, requia folgança,
qual lhe dá o impurrão qual o arrepella;
e elle a este accommete, a aquelle avança.
Tudo é bulha, revolta e tagarella:
e quando já a tormenta a terra o lança,
todos se riem de ver, n'aquelle estado,
contra um cahido um povo levantado,

N'estes trabalhos, que soffreu constante,
outro sequito o busca mais decente; (3)
e elle que já aborrece a turba errante,
deixou selvagens, foi lidar com gente.
Conseguiu privilegios de galante,
ostentando facussias de sciente; (4)
todos a bulha o metem, e ha com isso,
em Lisboa, um perpetuo reboliço.

Entra, sae, sobe, desce: não escapa
de ter com elle a alegre peliona
desde a dama mais eres e mais guapa
até á mais desastrada trapalhona.
Ao pequeno e ao grande assim destapa
os segredos da vida folgazona;
e em praça e casa, sem que a furia aplaque,
tudo tira a terreiro e mette a saque.

Mais que o espirito infesto, que pertende
dar assombros de horror nos apparatos,
tudo chega a inquietar, com tudo entende,
e a tudo, em seus estrondos e seus tratos,
este trasgo excedeu; que aquelle duende,
que as cadeiras arroja e quebra os pratos,
á gente de uma casa dá canceira,
e este revolve uma cidade inteira.

Fez-se da gente universal macaco,
umas vezes alegre, outras raivoso;
mostrando, nos seus gestos, tanto caco,
que até estar feito um cão, parava em gozo.
Porém sempre devoto do Deus Baccho,
nos seus cultos se emprega fervoroso;
porque é mui natural, com gostos summos,
dar-lhe os incensos quem lhe toma os fumos.

Do seu Deus nos obsequios *enfrascado*,
em letra *garrafal* sempre escrevia:
era valente, e da *razão* levado,
deixava a folha, os *copos* esgrimia.
Para ser por mais *vezes* celebrado
meza de *vinhos* fez a em que comia;
e a puros brindes, sem que formas mude,
fez da *taverna* a casa da *saude*.

Quantas vezes se vio a ermida tosca
fazendo aos brutos companhia grata,
ir ás carreiras por correr co'a mosca,
vir de gatinhas por andar co'a gata?
De humilde o fazia e não por fosca,
e pelo ardor com que os seus cultos trata,
quantas vezes de Baccho foi valido,
e quantas foi privado do sentido?

Deu-lhe emfim muitos gostos a xumella,
porém a agua lhe deu muita pancada;
vem sobre elle, umas vezes, rios d'ella,
outras vezes cae elle na enxurrada.
Pelo entrudo, de dia esguichadella,
no mais tempo de noite caldeirada,
n'elle um e outro licor muito labora
mas o vinho por dentro e a agoa por fóra.

Cuida um dia que é terra a por que passa,
quando em um charco a patinhar começa,
como a bola é de vinho uma cabaça,
teve a agua pé de lhe pregar a peça.
Ia alli succedendo uma desgraça,
que a agoa nos pés, e vinho na cabeça,
(como elle uma despresa, e outra estima)
andaram qual de baixo, qual de cima.

Ia andando outra vez mui delampeiro, (6)
quando, sem mais pendencias, nem mais rinhas
todo o vulto lhe cobre um nevoeiro
de agoa suja, e cabeças de sardinhas.
Ficou d'ellas pilhado todo inteiro,
e tal ficou que, pelas contas minhas,
em historias direitas nem avessas,
não se viu animal de mais cabeças.

A vingança, nas agoas pôz corrente
Neptuno Deus do mar, que em fogo ardia;
chovem raios no pobre, e elle sente,
em cada gota, uma estocada fria.
Vendo andar o negocio muito em quente,
até da agoa do pote se temia;
pois quem já chega a ser, em tanto enredo
gato escaldado, da agoa fria ha medo.

Foi passando estes tragos, e querendo
dar raizes á honra, na memoria,
erigiu dous bigodes que, crescendo, (7)
foram altos padrões da sua gloria.
Levantaram-se n'elle, já vou crendo,
que ás maiores, comtudo, e foi a historia,
que dormia os seus somnos descançados,
tendo a honra em poder de levantados.

Entendendo o barbicas, por seus modos,
que é ser homem de barbas ser barbudo,
quiz que a honra cahindo em taes engodos
se enlaçasse no enredo cabelludo.
Na ponta do nariz a trazem todos;
mas mudando-lhe as guardas por estudo,
fez que a honra passasse, o tal jagodes,
da ponta do nariz para os bigodes.

Da côr, que dá esperança do alimento (8)
com que a bestialidade se alvoroça,
o qual desde o cavallo até o jumento
alarga a pelle e feitio engrossa,
se lhe fez um vestido ao grande Bento,
com que mais nediu e gordo ficar possa;
que elle quer augmentar-se e nunca perde
até no trage a occasião do verde.

Na prata, que o guarnece e que o abona,
a riqueza e bom gosto fazem liga,
requintando os enfeitos a dragona,
o laço, o tope, o paspalhão, a figa,
as plumas no chapeo á bambalhona;
e p'ra mais galhardetes, é bem diga,
lhe tremulam no ar, com graças summas,
os bigodes, os laços, mais as plumas.

Retrata-lhe um pintor, no semelhante, (9)
tal como o seu focinho o aspecto feio;
e até o bigode, com se ver distante,
tão proprio está que não parece alheio.
D'este heroe repolhatico o semblante
se copiou tanto ao vivo, que a ser veio,
quando á figura communica a inopia,
peccado original da sua copia.

Quando bater o mato lhe aconteça
de barba e testa, em cada moita escaça,
e o que é mais na coitada da cabeça,
entre grossa e miuda, ha muita caça.
E quando a mão do monte ao valle desça,
muito tem que matar, pois se a isso passa
matos são, onde a caça vem a pello,
sobrancelhas, bigodes e cabello.

A testa é campa, se estou bem no assumpto,
e ser de sepultura era preciso,
aonde o entendimento jaz defunto
a esperar pelo dia de juizo.
Sepultado o cadaver do bestunto
ficou-lhe em branco do epitafio o avizo,
que é nos sepulcros, onde ser costuma
nada o morto, a inscripção couza nenhuma.

Para os olhos meninas innocentes
lhe deu a naturesa, e foi peccado;
pois fazendo-os de injurias padecentes,
lhe impingiu duas alvas de enforcado.
Por isso estas nas funebres enchentes,
aquellas encolhidas no assustado,
lhe ficaram as alvas e as meninas
umas tamanhas, outras tamaninas.

Ao pé das sobrancelhas engoiadas
às meninas á vista estão expostas,
como duas creanças engeitadas,
que debaixo dos arcos foram postas.
Mas como as alvas são tão desmarcadas
para tal pequenez, dizem que ha apostas,
que é a menina em cada olho arregalado,
em tigella de leite mosca a nado. (12)

Atraz de cada orelha, com desgarro,
mui bem pode um pavão fazer-lhe o ninho;
mas de orelhas, que são rodas de carro,
serpente deve ser cada bichinho.
Seguem-se as faces, onde a côr do barro
descompõe ao carão todo o carinho:
e entre as maçãs do rosto e as orelhas,
vem a ser o nariz—*Pedro de entrelhas*.

Levanta-se feliz, nobre se acclama,
porque ás outras feições mais gloria una;
rega os bigodes, e os fluxos, que derrama
cada qual é uma torrente da fortuna;
porque alli está o padrão da sua fama,
alli da sua nobresa está a columna;
onde as ventas dos Faros são moradas
onde o nariz é o chefe dos Moncadas.

Junto a elle ha uma estancia pavorosa,
triste bosque de horrenda catadura,
onde é parte, no heroe, dos bens que goza
a maranha que tem n'esta espessura.
Sendo a boca profunda e cavernosa,
do bigode infernal na mata escura
gruta horrivel por onde, em negros partos,
sáem mil vezes cobras e lagartos.

Entre os dentes parece abre caminho
para o rosto engulir. Tenho certeza,
que o tragara, a não ter-lhe o tal focinho,
lá por junto ao pescoço, a barba tesa.
Esta é a facha tremenda do homenzinho;
n'elle entendo, quiz a natureza,
por travessura, com acção medonha
fazer ao mundo aquella carantonha.

Estas cousas se tomam muito em grosso
e tanto em curto, que a correr parelhas
(sem fazer nenhum caso do pescoço),
vão os hombros em busca das orelhas.
Opprimido co'pezo de um colosso,
ah pescoço, que a um pobre te assemelhas!
mas por força ha-de ser pobre a peanha,
que sustenta carátula tamanha.

Em quanto obrou no vulto do birbante,
peccou a natureza, isso é patente;
e o que admira, quando ella foi peccante,
é escrever o processo a delinquente.
Eu bem sei não ha caso semelhante,
mas se agora o cottejo mentalmente,
da moleira aos quadris, é todo escripto
cabeça de auto em corpo de delicto.

Quem tem vergonha, são verdades puras
dizer que magro, pela ter, se ponha:
mas depois de fazer tantas diabruras,
se elle anda gordo, é por não ter vergonha.
Creio que quem lhe sabe as aventuras,
e barrigudo o vê, cuida que sonha,
que a alma de *Dom Quixote*, em nova andança,
no corpo se metteu de *Sancho Pança*.

Bem se vê que o seu bojo é pança tudo,
e por isso o tal nome lhe pespego;
pois ao ver-lhe o redondo e barrigudo,
de puro pasmo, á admiração me entrego.
Ellas roliças, e elle rechonchudo,
pernas e corpo são. Eu t'arrenego
couza má! Sempre é uma dos diabos,
que ande um repolho em cima de dous nabos!

Eis-me aqui aos seus pés: são mãos perdidas,
que do pé para a mão fiquem pintadas
tambem ellas, e é justo, que em taes lidas
pés e mãos devem ir de camaradas.
Estas umas rozetas bem crescidas
tem nas unhas, aquelles dão patádas,
com que mostra o heroe, em tantos gabos,
duas mãos de esporas com dous pés de cravos.

N'este retrato o heroe bem se afigura
já que achou, no pincel, tão boa achega;
durma e descance á sombra da pintura,
porque n'ella a boa arvore se chega.
Duplique o figurado na figura
a occasião de lucrar; pois quem lhe nega
ter por si, ou por outro, mil bonanças
na occupação de desmamar creanças.

De todas estas prendas carregado,
e de espadim, bengala e cabelleira,
indo em busca de peixe, foi pescado
pelo pae, certo dia, na Ribeira (13)
Do qual pelo bigode foi levado,
como pelo cabresto o burro á feira;
e na bulha entre o jarra e o casquilho,
não ha filho por pae, nem pae por filho.

«Em focinho tão mal encabellado
(diz o pae) dous bigodes de arrepia!
Faz-se isto entre christãos? excommungado,
vives em Portugal, ou em Turquia!
Turco pareces, e eu arrenegado
com taes barbas estou. De casa um dia
animal racional te vens embora,
e animal de cabello te acho agora!»

—Pae, tenha mão, lhe diz o filho, entenda
que as barbas autorisam; e é verdade,
que não manda o direito ao pae que estenda
aos bigodes do filho a auctoridade.
Não herdei dos seus bens esta fasenda:
faça-o lá, muito embora, á sua vontade,
senhor de si; mas ser senhor não pode
do seu nariz e mais do meu bigode.—

«Louco (lhe torna o pae, fallando claro)
Eu creio, que o temor de mãos violentas
ao nariz te arrumou esse anteparo,
por ser atreito a esmurrações de ventas.
Tens nas barbas a honra, e eu reparo,
que a escondes mais onde mostral-a intentas;
qualquer mão n'essa mata a entrar se afoita,
e ella, em cada bigode, se faz moita.

«Entre bocca e nariz crias dous ratos?
não tens medo tendo isso nos focinhos,
que te saltem nas barbas quantos gatos
saem pelas trapeiras dos visinhos?»
—Quaes gatos (Bento diz) são apparatos
da minha honra os nobres cabellinhos.—
«Antes a afrontas (diz o pae) com tel-os,
que a violentas se a tens pelos cabellos.

E avançando ao bigode, em furia eterna,
para ser de um verdugo justiçado,
põe-se em meio um confrade da taberna
de nicho á destra, e de olho encarniçado:
livra-se assim da colera paterna
o filho, o pae o segue; e foi notado
só no campo o Ermitão, Bento fugindo
o pae correndo, e toda a gente rindo.

Soube fugir dos paternos rigores,
mas não pode escapar de outro perigo,
pois cahiu a provar forças maiores,
das mãos do pae, nas unhas do inimigo.
Levem-no ao mar impulsos superiores, (14
sagrado onde elle teme achar jazigo:
soube-o logo Neptuno em continente,
o qual dava mergulhos de contente.

Chega á praia assustado e temeroso,
onde o golfo, na phrase das porcellas,
lhe dizia escumando de raivoso:
«vem para cá, que aqui se pagam ellas.»
Entre a gente se occulta de medroso,
mas de pouco lhe servem as cautellas;
pois por força se embarca, e vae violento
para mar, que é sagrado homem que é Bento.

Das cascas da madeira revestido, (15)
contra as iras do mar tronco animado,
vinha o pobre, nas conchas já mettido,
cágado entre cortiças entalado.
De bexigas coberto, c'o sentido
em ser boia vivente andando a nado;
que ellas a muitos dão mortaes fadigas,
e elle escapa da morte co'as bexigas.

C'os diachos, nas tripas, vão berrando (16)
as ondas, em que o barco vae correndo,
e por ares e ventos vae levando
das bochechas de Eólo o impulso horrendo.
Em tormentas o golfo está nadando;
que o ladrão de Neptuno, em ira ardendo,
dando ao mundo pavor do abismo a injurias,
roubou do Inferno para o mar as furias.

A comer carne o peixe convidado,
no fogão da vingança a chamma ardia,
e fazendo do heroe frango ensopado,
quando o vento soprava, a agoa fervia.
Neptuno cosinheiro enfarruscado,
c'o tridente nas mãos o mar mexia;
mas quem viu, em guisado de repolho,
tão pouca carne para tanto molho!

Tomba-o do vento o importuno ataque,
fere-o do mar o cristalino estoque;
cae, e n'uma caverna affinca um baque;
ergue-se, e de um bicheiro apanha um coque.
Um que vae marear lhe préga um xaque,
muda lugar e tem com outro um choque,
e depois de andar tudo a treque meque,
vae ás ondas balhando o sarambeque.

Foi de cabeça abaixo: eis se não quando
surde outra vez; e o que ia como um prégo,
qual cavallo marinho dá nadando
dous pinotes, e tira para o pégo.
Pois ao ver-se no aperto miserando,
tóma, e que faz? ancioso, afflicto e cego,
não faz cousa nenhuma se se enfada,
põe-se aos couces co'as ondas quando nada.

Crê que a salvo as bexigas hão-de pôl-o,
mas o mar repetindo-lhe a matraca,
nas entranhas o occulta, torna a expol-o;
falta a força, a tormenta não se aplaca.
Dá com elle na praia da agoa o rolo,
torna a leval-o ás ondas a ressaca,
e qualquer d'estas cousas lhe faz guerra,
porque nem tanto ao mar, nem tanto á terra.

Com a agoa pela barba, de ancias cheia
tinha a alma: e ao ver-se em mortaes lidas,
era pena espirasse sem candeia,
tendo já nos bigodes as torçidas.
Finalmente estendido sobre a areia,
beija a terra, e são vezes repetidas,
sim, com beiços de cão, boca de arraia,
uma vez no monturo, outra na praia.

Salvou-se o encortiçado naufragante,
e levantado do vinho á agoa, a victoria
fez da brava alforreca palpitante,
o que foi da taberna ardente escoria.
Em fim sahiu do mar feito um pingante
e por votos no templo da memoria,
apresentando as boias levadiças,
em vez de taboas pendurou cortiças.

CANTO III

ARGUMENTO

Deixa os cultos de Baccho; esta mudança
sente o Deus e a Neptuno se lamenta;
fazem contra o heroe firme alliança,
queixam-se a JOVE que amparal-o intenta.
Vão crescendo os impulsos da vingança
torna-se Bento Antonio em Dona Benta.
Busca novos motivos para a historia,
e acha na sua pena a sua gloria.

Já o *eu venho do mar* não canta o Bento,
antes vindo escaldado da agoa fria,
cabisbaixo se poz qual o jumento,
a quem couro e cabello se arrepia.
Quando sahiu do liquido elemento,
se achou tão besta, que dizer podia:
«não fiquei homem, não, mas fui tornado
de cavallo marinho em burro agoado.»

Como esteve da morte tão visinho,
junta ao seu desengano a sua magoa,
d'esta sorte exclamou: «Ah vinho! vinho!
dás c'os burros na arêa, os bodes na agoa!
sempre comtigo andei por mau caminho,
pois tão perto me vi da eterna fragoa,
que a não ser da cortiça o escabulho
dou comigo no Inferno de mergulho.

«Levas-me sempre de cabeça a baixo!
valha mais de mil pipas tal ventura;
cada hora me ponho como um cacho,
cada instante me vejo á dependura.
Eu bem sei, que és mel de odre, e que não acho
sorvete para mim de mais doçura:
mas sendo a pena da delicia estorvo
quantos tragos passei por cada sorvo!

«Por se ver que comtigo me confundo,
todos os dias de galhofa e riso,
á minha custa ha-de acabar-se o mundo,
sem eu ter um só dia de juizo?
Oh quão pobre me tens! E bem me fundo;
pois na desgraça de perder o sizo,
me acho sem capital nem rendimento,
tendo a razão de juro o entendimento.

«Tu tiras-me a razão; e eu porque creça
chupo o copo até o fundo sem demora:
beijo-te o pé, tu dás-me na cabeça,
tu ficas dentro em mim, e eu de mim fóra.
Até fazes se monto, que entonteça;
tão besta estou comtigo, que inda agora
eu proprio não penetro, indo a cuidal-o,
como não ando em mim e ando a cavallo!

«N'uma pipa te encerro, e me derrota (1)
fiar d'ella a ganancia: inda hoje o sinto!
descozeu-se o fiado e se achou rota,
pelo qual me vi morto, ao ver-te extincto.
Sem de ti ver real, nem provar gotta,
me deixaste em branco, sendo tinto:
ai que pondo no encher-me tanto estudo
dei em vasabarris com pipa e tudo!

«De ti, por tanto caso, em que me aburro,
mais que do frade vesgo me enfastio, (2)
conhecendo que a albarda do meu burro
era melhor que a sella de meu tio.
Elle porque aos telhados eu me surro,
se quer comigo endireitar, e eu fio,
que elle o não faça, por mais que ande á espreita;
quem torto nasce tarde se endireita.

«Cesse já a confusão de Babilonia,
que o vinho fez parcial da minha asneira;
leve o Diabo o Deus da beberronia,
cuja gloria é uma pura borracheira.
Hei-de morrer; e se durar *per omnia*
sæcula sæculorum a gateira,
é fazer-se, abrigando o ardor do Inferno,
um vinhote mortal bebado eterno.»

E pondo as mãos no chão, quando arrenega, (3
(ceremonia entre bestas bem sabida)
ao Deus Baccho dous coices lhe pespéga,
despedindo-os com o pé da despedida.
«Queres votos (lhe diz) de burro? péga
n'essa offerta, que a ti só é devida»;
e depois de atirar um e outro coice,
espojou-se na terra, ergueu-se e foi-se.

Com toda esta bestial formalidade,
detesta o vinho com horror profundo:
sendo a acção da maior heroicidade,
que bebado já mais obrou no mundo.
Não deu ao braço herculeo igual vaidade
curtir a pellle ao monstro furibundo;
se render um leão foi alta emprêsa,
mais valor é forçar a naturesa.

ém o Deus, que em iras se abrasava,
ıeroe que esta injuria lhe fazia,
scos quando os olhos lhe lançava,
raios visuaes lhe despedia.
ˈaivoso os cabellos arrancava,
ı seu ringir de dentes parecia,
se quebravam e iam pelos ares,
ntas botelhas tinha o Remulares.

bigodes de escuma bezuntados,
que a raiva saliva e pêlo envolve,
parecendo os borbolhões nevados
ıcões de sabão que o ar revolve;
ı beiço é alguidar de ensaboados,
gotas, em que a escuma se dissolve,
.s barbas lhe escorrem uma a uma,
vertendo-se em baba o que era escuma.

sta sorte esquecendo o ser divino,
nto impede a vingança acha importuno,
luto a fazer um desatino,
é o remedio ao furor mais opportuno.
çou-se aos mares, navegou sem tino,
u furioso ás portas de Neptuno,
ıal lhe respondeu co'a bocca chêa
que estava almoçando uma balêa.

E como era o tal Deus homem de caco,
ceremonias não houve, que é tolice:
franquearam-se as portas, e o Deus Baccho
vendo tão boa aberta, entrou e disse:
«Neptuno Deus dos mares (ah velhaco
tu verás o que vai) uma doudice,
um furor, uma raiva, uma? Ah senhores!
cem doudices, cem raivas, cem furores!

«Cem, e tres vezes cem: assim o pinto,
por mostrar que os meus males são aos centos:
olha quanto padeço, quanto sinto!...
E por quem? Isso são outros quinhentos.
Por um, por um...mas que é o que fallo? minto.
Qual um? nem meio...é nada: há fundamentos
que nem chega a ser couza: porque em summa
o que é nada, não é cousa nenhuma.

«Um ninguem me aggravou: esta resinga
de tão pouco nasceu, que é de um magano,
que será, a ter caracter que o distinga,
garavotil do abecedario humano.
Ou foi escarro aquella boa pinga,
que a mãe deu por deixar ao pae ufano;
ou tão pouco cuidado poz na empresa,
que o fez sem se sentir a natureza.

«Tão nonada é a vivente garatuja,
que antes de eu protegel-a só seria
caco de chaminé, rodilha suja,
pá de lama, vassoura da enxovia,
basculho de hospital, restia de alfuja,
vapor maligno da maré vasia,
folle roto, escarpim de cristaleira,
trapo sujo, frangalho de trapeira.

«E com ser a tudo isto semelhante,
fil-o gente, e hoje é a pelle do Demonio:
sabes quem é o sacrilego birbante?
(E Neptuno acodiu:)—é Bento Antonio—
«Esse (diz Baccho) de quem fui amante,
esse mais peçonhento que antimonio,
dous couces me pregou por arte nova,
da amisade do tempo ultima prova.»

Neptuno ouviu e a sobrancelha erguendo,
mais de dez vezes co'a cabeça dando,
disse d pois da acção:—Insulto horrendo!
Sacrilegio bestial! Coice execrando!
A escoria dos humanos estou vendo
ir os pés contra os Deuses levantando!
Hão-de ter nos impulsos igualdade
um sevandija e uma divindade!

—Caso tal não se soffre! Não se atura!
isto quem? Um boneco feito gente,
que mui bem pode ser, com tal figura,
no Terreiro do Paço odre vivente!
A naturesa fez n'esta creatura,
macaquices aos homens, é evidente:
tendo em tal individuo o desabono,
crial-o entre elles, foi prégar-lhe o mono.

—Eu já me declarei por inimigo
d'esse birbante vil, d'esse aleivoso.—
«Pois Neptuno (diz Baccho) hoje comigo
te has-de unir, na vingança rigoroso:
que eu para não faltar ao seu castigo,
juro aqui pelo nobre generoso
licor de candeia, onde elle está mais puro,
e tu juras tambem?»—Juro, e trejuro,

(Diz Neptuno) e comtigo conjurado
defender fielmente o teu partido,
tatarajuro, pelo mar salgado,
quanto mais contra o vento embravecido;»
e dando c'o tridente um desalmado
golpe no caramello impedernido,
ao susto da pancada atroadora,
ficou gelado o mar perto de uma hora.

—Em pássaro nocturno convertel-o
é justo (diz) porque da gente suja;
e já tem adiantado para sel-o
nariz de mocho e olhos de curuja.
«Não senhor, para elle a um raio appello,
para que nunca mais tuja nem muja,
(disse Baccho) por seu bestial estilo,
em vez de convertel-o, hei-de partil-o.»

—Pois então, para raios, meu amigo,
de outro poder maior ha-de valer-se,
(disse o Deus dos atuns). «Este castigo,
(o das borras tornou) ha-de fazer-se.»
E foram para achar em Jove abrigo,
direitinhos ao Ceo, mas a perder-se.
E tão cheios de furias e pesares,
que iam ambos de dous por esses ares,

Chegaram entre chouto e andadadura,
ao palacio de Jupiter brilhante,
e disseram, ao ver-lhe a architectura,
honrada habitação para um Tonante!
Foram-se logo á porta, em direitura,
e sem pôr-lhe ninguem o pé diante,
como estalavam por chegar ao centro,
sem mandarem recado, entraram dentro.

Seus cortejos formou taes e quejandos
Neptuno, o qual de um posto não se move:
Baccho de perdigottos, entre bandos,
rasões vomita, em que a rasão lhe chove.
E postrado aos joanetes venerandos,
das reverendas patas do Deus Jove,
lhe beijou em signal do seu respeito,
o dedinho menor do pé direito.

«Um cruel me offendeu, Deus Soberano,
pae e mãe deste filho és juntamente:
mata, meu rico pae, este magano,
que o ser mãe não te tira o ser valente.
(Assim diz) ah senhor para seu damno
te peço um raio, cujo impulso ardente
feito em cisco no Inferno m'o segure;
e então vá lá ao Diabo que o ature.

«Já que fez um tão barbaro delicto,
por castigo do ousado atrevimento,
o teu fogo o abrase; que o maldito
não lhe val contra os raios o ser Bento.
Pois me vejo da affronta no conflicto,
dá-me um raio, senhor, e n'este intento,
dous lhe farão sentir mortal desmaio,
que eu tambem, na vingança, hei-de ser raio.

—Por minha alma (diz Jove) que não tenho
nenhum raio capaz que te apresente;
de quatro amigos para o desempenho
uns oito ou dez é o que terei sómente.
«Qualquer serve (diz Baccho) n'este empenho,
para matal-o desastradamente;
não me é preciso cousa muito forte,
basta-me um raiosinho de má morte.»

—Esse (diz Jove) contra o qual pretende
o teu furor ver o meu braço irado,
tem um tão forte escudo que o defende,
que o meu poder com elle é limitado.
Em tão nobre esplendor a luz accende,
que o mesmo sol de inveja anda abrasado,
e com a alta grandesa que respira,
a minha divindade é uma mentira.

—Offender Bento Antonio! E o receio
d'aquella indignação? N'essa não caio;
um valido! um valido! Inda o não creio,
cuidas tu, que um valido é lá um lacaio!
Ao que Baccho tornou (já de iras cheio):
«tenho dito, senhor, eu quero um raio,
pois á vingança o meu furor aguço;
quero um raio» (E diz Jove):—quer um chuço?—

N'isto pondo-se em pé com impaciencia,
diz Neptuno ao ouvido sem demora:
«amigo Baccho, uzemos de prudencia,
lo dicho dicho, e vamo-nos embora:
por ti dirão que é vinho, se há pendencia».
E sahiram da sala para fóra,
por não haver (segundo estão de brados)
entre os Deuses alguma dos diabos.

Vão-se pois, e ambos levam no sentido,
convertel-o em mulher; tão boa prêa,
vendo-se a macha femea redusida,
sendo mal estreada, bem se estrêa!
Não é o caso em mulher ser convertido,
senão ser convertido em mulher fêa:
que tal monstro seria um mulherengo,
que antes de ser mulher, era mostrengo.

O heroe de tantos males ignorante
as vinganças provou, nas quaes lhe vinha,
para o juiso perder, causa bastante:
mas quem perdeu já mais o que não tinha?
Chegou-lhe a conversão no mesmo instante,
de gallo doido passa a ser gallinha;
não se viu outra igual: foi a primeira!
E o successo passou d'esta maneira.

Finalmente apressou-se o fatal dia,
que chegou para o Bento em negra hora:
agonisava a luz quando nascia,
e em vez de rir o Ceo chorou a Aurora.
Ficou a terra immovel, a agua fria,
inquieto o ar, o fogo de si fóra:
ora eu não sei, em graves sentimentos,
que mais podem fazer os elementos!

Accordou Bento Antonio, o qual querendo
dar seus quatro pinotes pela cama,
se achou tão frouxo, que se foi movendo,
com mais delicadesa que uma dama.
Eis que um mosquito o morde, e a grimpa erguendo
para o queixume, com que afflicto clama,
viu que na voz tal differença havia,
quanta vai de um fagote a uma pipia.

Apalpou-se, e achando novidade
na brandura do tacto, perde o brio
de sentir no seu corpo suavidade,
homem que sempre foi pouco macio.
Quiz sentar-se, e o pudor da honestidade
lhe fez por pejo — o que se faz por frio:
tanto o rebuça que, do erguer na hora,
nem a unha de um pé deitou de fóra.

Acabou de sentar-se como gente;
e estando já com meio corpo ao pino,
torna a cair na cama, de repente
assaltado de um flato ultramarino.
Deu mil ais com voz fina; accudiu gente,
que observando, no ventre do mofino,
tão desconformes roncos, afirmava
que o demonio nas tripas lhe saltava.

Entra uma velha, e diz: *quim* tal *dixéra!*
c'o *sinhor Bentantoino* a tal chegara!
que *frautos vitorinos padicera*,
quim tamanhos *bidogues* tem na cara!
se é *tresmalho*, os peis *n'auga* eu lhe *mitera;*
mas se ser queixa *esferica pinsára*,
jaleco de *prelado* é uma delicia
masturado com *auga* de *malicia*.

Chega um Doutor, que d'este mal no excesso,
diz de tudo informado sem demora:
«isto é pensão do feminino sexo!
façam-lhe esfregações a esta senhora.»
Porém vendo-lhe as barbas, diz: «confesso,
que da infancia até o ponto d'esta hora,
não vi homem com queixa feminina,
nem mulher com bigode á fernandina.»

O medico da historia se foi rindo,
dando, pelo successo, a todos vaia.
Tornou o heroe em si, foi-se vestindo,
e em lugar dos calções pediu a saia.
Levantou-se a unha grande ao chão unindo
e o mais resto do pé, sem que descaia,
posto ao pino ficou por esses ares:
ora peguem lá nos calcanhares!

Ao fallar sempre: «Ai mana!» repetia:
andando, em cada argueiro tropeçava:
ao ver gente mezuras lhe fasia,
se até alli, no cortejo, o pé rapava.
Ao dar-lhe na cabeça o ar, fugia;
de uma mosca voando se assustava.
E em taes momos, sempre era corriola
ver feito de alfenim um mariola!

Só á bocca lhe vem, como ás golfadas,
massos de luvas, cartas de alfinetes,
leques, fitas assim, sedas assadas,
punhos, gólas, chapinhas, manteletes,
flores, pentes, pastilhas e pomadas,
bordefrons, papilhotes, ou monetes;
publicando esta injuria dos barbados,
no que emprega uma dama os seus cuidados.

Tão sem alma ficou d'este successo
o corpo do lapuz languido e lasso,
que a tanta frouxidão não leva excesso
nem a fraquesa do maior madraço.
Fasendo a naturesa este regresso,
tão sem sangue ficóu do tal fracasso,
que entendeu, com razão, que lhe corria,
por cada vêa um fluxo de agua fria.

Como o vir mal e bem é cousa certa
á face, pelo espelho a vista róça:
e ficou de se ver co'a bocca aberta,
figurando um Narciso de obra grossa.
A babar-se por si sómente acerta,
e a baba, que ao cair no chão se empóssa,
vendo todos estão; e elle cuidando,
que de si para si se está babando.

«Quem viu luzes,rompe elle, mais brilhantes!
em mim pôz a bellesa os seus primores,
aqui está toda a pena dos amantes,
aqui está toda a gloria dos amores.
Olhem que sobrancelhas tão galantes!
Vejam estes dous olhos matadores!
Não ha dama mais bella, tenho dito:
Benza-me Deus, e que assim estou bonito!

«O doce riso, o momo da boquinha
creou-a a Natureza tão escassa,
que a amostrou e escondeu: olhe a gracinha!
com que fez ao rubi esta negaça!
Muita morte ha-de haver, por vida minha,
em dando aos homens o ar da minha graça,
poucos hão-de escapar d'este conflicto.
Benza-me Deus, e que assim estou bonito!

«Olhe as faces! a testa é couza rara!
tanta cousa bonita! olhe a riquesa
do nariz! só o bigode é onde para
a admiração a impulso da estranhesa.
Eu fui culpado, pois criei na cara,
este escandallo vil da gentilesa!
mas nem me tira a graça este delicto.
Benza-me Deus, e que assim estou bonito!

«Porém a mim bonito, quem me calma
dous pescoções! bonito á bocca chêa!
quem de heroe circumspecto aspira á palma
só o chamar-lhe bonito é cousa fêa.
Oh meus ricos bigodes da minha alma,
de mais preço que as barbas de balêa!
crescei, e á vossa sombra fique escura
a minha negregada formusura.

«Quinta essencia das linguas depravadas,
bonito a mim! traidora que tens dito!
ah maldita! antes ser ladrão de estradas,
e antes ser enforcado que bonito.»
Rosto e espelho, á força de punhadas,
pagaram n'esta hora o seu delicto:
e pregou, dando um berro como um zurro,
na cara um bofetão, no espelho um murro.

O cristal foi vinganças reflectindo;
pois quebrado em mil partes lhe figura
o bello rosto, que ficou mais lindo,
co'as dedadas de côr, que o golpe apura.
Veio ao grande rumor gente accudindo,
e disendo o heroe já com loucura:
—Não sou Bento Antonio? Oh dôr violenta!—
Respondem: «não senhor, é Dona Benta.»

De sua admiração fasendo alarde,
um diz: «a rapariga é cousa boa!»
e entre «o Deus te defenda e o Deus te guarde»
qual a figa lhe dá qual o abençoa.
—Senhora Dona Benta, boa tarde;—
d'aqui dizem;—é celebre varoa!—
d'alli clamam; não tendo o tal jagodes
já para onde appellar mais que os bigodes.

Mas nem elles lhe valem, opprimido
da vingança que o fez afeminado:
homem, que é por mulher tido e havido,
só lhe serve de injuria o ser barbado.
Porem Jove o deixou favorecido,
concedendo-lhe ao rosto o bello agrado,
que de tantas venturas foi o meio;
pois ficava bonito, sendo feio!

De vel-o assim, vão aturando a bucha
os dous Numes que a colera requintam:
bem que horrendo a vingança lh'o debuxa,
não é o demo tão feio, como o pintam.
A raiva leva, o sentimento pucha
aos taes deuses, que partem bem que o sintam,
Baccho ás tavernas, por se ver puchado:
Neptuno ás ondas, por estar damnado.

Sahindo á rua a celebre Heroina,
um lhe faz um aceno, outro lhe escarra,
com o trajo em que vai tudo amotina,
o rebuçado a vê; segue-a o Bandarra?
Este diz: «onde vae minha menina?»
Aquelle sem fallar com ella marra.
Porem mais se affligiu de um mimo, cujo
é o beliscão que lhe pregou um marujo.

Vindo a emprender acções desesperadas,
por desmentir a femenil fraquesa,
com homens de cortiça entra ás pancadas, (4)
forçando, para isso, a naturesa.
Mas moendo os bonecos a patadas,
cahir na empresa foi o fim da empresa.
e pois ficar defunta alli se prova,
veio a pedir de bocca para a cova.

Resurgindo outra vez vê que a figura
um boneco com toucas, e se espanta: (5)
não sei se foi obsequio ou travessura
da heroica mão que a estatua lhe levanta.
Ficou tonto de ver-se em tal figura;
e isso quiz quem l'a fez com graça tanta;
pois com touca e bigodes lh'a apresenta,
por fazer Dona Tonta a Dona Benta.

Amarrado a uma tranca com violencia, (6)
roga ao Ceo, que lhe emende o seu destino;
e ultrajando o valor da penitencia,
vai fazer mogigangas ao divino.
O vulgo então, com barbara insolencia,
o maltrata e persegue, e o mofino
do entrancado vendo ir as cousas tortas,
tambem foi tranca, pois se viu por portas.

Ser um homem crusado é caso novo,
e inda é cousa em mulher menos commua:
como é possivel, não se inquiete o povo,
vendo uma encruzilhada ir pela rua!
Foge dando aqui um salto, alli um corcovo,
co'a forte tranca, com que geme e súa;
que ao levar os marotos já nas ancas,
foi boa ajuda para dar ás trancas.

Soffreu desgraças, mas chegou-se a hora,
em que um regio esplendor ditas lhe apura;
Se a protege a deidade caçadora,
nunca mais ande á caça da ventura.
Até aqui não luziu, só brilha agora,
dando um vôo feliz á esfera pura
onde só pode ser, com gloria ufana,
uma estrella açafata de Diana.

De açafata de honor, zomba zombando,(7)
alcançou o alvará, que o ser lhe augmenta.
Tudo por dama conseguiu; mas quando
Bento Antonio sonhou ser Dona Benta!
Todos mil parabens lhe foram dando,
e entre todos a velha se apresenta,
a qual não cheira bem a quem a escuta;
porque a fraze, em que falla, está corrupta.

«Boas fadas m'a cubram (diz) senhora,
binja Deus ! o sumbrante é pelingrino:
não cuidei não por certo *antes agora*
haver *homes do gerno femelino.*
Mas, valha o nome de *serventeóra!*
inda os negros *bigodes* lhe *ingimino?*
podendo ser, com essa cara mesma,
um *prodisio* anda feito uma *vintesma.*

«Bem asno era em *tragel-os* no focinho
o senhor *Bentantoino* ca Deus haje;
mais intances foi tromba de golfinho
esse rosto que agora é uma *umage.*
Seje mum para bem vel-a em caminho
de mulher: faça a *barba*, mude o trage,
e nas *grolias* será, com *ralo insecio,*
créto maior do *femelino secio.*

Este o successo foi tão decantado,
do altivo heroe da celebre varoa,
que hoje entre um, e outro genero entalado
macho nos ossos, é femea em pessoa;
o que achou já infeliz, já afortunado,
caroço em Elvas, minas em Lisboa,
mulherengo com laivos de barbicas,
que é mulher machacaz, e homem Maricas.

Tudo pois deste applauso á gloria aspire,
e por que nada de o fazer se isente,
zina o bisoiro, borboleta gire,
brinque o macaco, zombe toda a gente;
o fogo a lingua aguce, o ar respire,
e os seus louvores cantem igualmente,
em agoa e terra por um novo estillo,
a suavissima rã e o doce grillo. (8)

Viva Benta, e reviva em toda a idade,
o vulto seu entre os heroes se ponha;
onde tirem a tanta heroicidade
os bigodes as barbas de vergonha.
Passe a fama do tempo á eternidade,
e no applauso feliz, em que se enfronha,
por mostrar mais exforço a voz que clama,
grite até que arrebente a sua fama.

FIM.



NOTAS

NOTAS

AO CANTO I

(1) Joanna de Samora é uma mulher com quem elle tem grande teima, por lhe ter feito muitas peças.

(2) Em certa occasião urdiu contra elle grandes enredos.

(3) Tinha por certo que elle era feiticeiro.

(4) Veio de Elvas para Lisboa debaixo da protecção da Condeça de Alva.

AO CANTO II

(1) Faziam-se grandes ajuntamentos da gente vulgar, a qual o perseguia.

(2) Fazia sermões e doutrinas aos rapazes pelas ruas.

(3) Começaram a gostar d'elle pessoas de distincção.

(4) Dizia que era doutor formado, e argumentava em varias materias.

(5) Fizeram-lhe uma peça indo bebado, com que o deitaram em um charco de agua.

(6) Deitaram-lhe de proposito caldeiradas de agua.

(7) Deixou crescer os bigodes, e nunca andou sem elles, dizendo que alli tinha toda a sua honra.

(8) Mandou-se-lhe fazer um vestido verde com muitos alamares, laços e enfeites ridiculos.

(9) Mandaram-no retratar e se conserva em varias partes o seu retrato.

(10) Tem o casco da cabeça levantado de sorte que parece que fórma um bico.

(11) E pelas luas se observa uma palpitação, como fervedouro, no lugar aonde as creanças tem a moleira.

(12) Tem as meninas dos olhos muito pequenas, e as alvas muito grandes.

(13) O pae o encontrou um dia na Ribeira, e lhe quiz mandar rapar os bigodes.

(14) Mandaram-no embarcar por força para ir a Samora.

(15) Foi embarcar-se cheio de cortiças, e de bexigas debaixo dos braços, pelo que lhe podesse succeder.

(16) Com effeito houve uma grande tormenta, em que elle se viu quasi perdido.

AO CANTO III

(1) Comprou uma pipa de vinho o qual deu todo fiado, e ninguem lh'o pagou.

(2) Esteve na cella de um tio frade, que era vesgo, ao qual sempre fugia pelos telhados.

(3) Apartou-se totalmente do vinho, e nunca mais o bebeu.

(4) Investiu ás cutiladas com os bonecos, e atropellado d'elles cahiu na cova do Minotauro.

(5) Appareceu no mesmo theatro um boneco com toucas, que representava a sua figura.

(6) Foi em uma procissão feito penitente entrancado: e sendo conhecido dos rapazes, se retirou a toda a pressa.

(7) Mandou-se-lhe passar Alvará de Açafata por zombaria.

(8) É opinião sua, que o grillo e a rã cantam muito bem.

ERRATAS

Pag. 12 Verso 6—onde se lê:

para seres a aranha d'esta têa
deve lêr-se:
para seres a aranha d'esta têa;

Pag. 14 Verso 12—onde se lê:

que o suor do seu rosto lhe custava,
deve lêr-se:
que o suor do seu rosto lhe custára;

Pag. 14 Verso 18—onde se lê;

Se embalava entre as ondas, ao que colho
deve lêr-se:
se embalava entre as ondas, ao que colho

Pag. 18 Verso 9—onde se lê;

Já que es tão meu devoto, corre, voa
deve lêr-se:
Já que és tão meu devoto, corre, voa,

Pag. 22 Verso 1—onde se lê:

Depois de andar-se um'hora baralhando,
deve lêr-se:
Depois de andar-se um'hora baralhando

Pag. 22 Verso 18, 19 e 20—onde se l

se prova á bocca chêa, a sua bondade,
com a mesma agua, que na bocca cresce.
Põem-me as uvas em piza, essa é verdade
deve lêr-se:
se prova á bocca chêa sua bondade,
com a mesma agua que na bocca cresce.
Poem-me as uvas em piza, essa é verdade,

Pag. 24 Verso 13—onde se lê:

soando-lhe isto na alma, feito um caco,
deve lêr-se:
Soando-lhe isto na alma, feito um caco,

Pag. 28 Verso 17—onde se lê:

Assim o nosso heroe, que a ter anella
com quanto assim corra impresso nas primeiras edições, deve talvez lêr-se:
Assim o nosso heroe, que a ter anhella

